

## O cidadão criminoso do planeta Brasil

No planeta Brasil, a mídia costuma chamar de “suspeito” qualquer Zé Mané que troca tiros com a polícia ou lidera um cartel tão poderoso que poderia invadir a Bolívia. É comum encontrar manchetes como: “Suspeito de assalto a banco troca tiros com a polícia.”

Ao abrir a matéria, porém, descobre-se que o tiroteio ocorreu na calçada do banco, com o “suspeito” correndo e disparando contra a polícia enquanto carrega um saco cheio de dinheiro. Situações semelhantes se aplicam a políticos flagrados com dinheiro na cueca: são apenas suspeitos de corrupção, jamais culpados.

No Brasil, parece haver um consenso peculiar a respeito das leis penais e morais: quem comete crimes não é necessariamente criminoso. O verdadeiro criminoso, segundo essa lógica, é o cidadão comum. Ele é responsabilizado por todas as mazelas morais, espirituais e retrocessos civilizacionais.

O cidadão comum brasileiro, no entanto, é aquele que busca melhorar de vida com o fruto do próprio trabalho, sem esperar pela utopia socialista. Quer sustentar sua família, pagar as contas e, talvez, comprar um azeite de oliva para a salada. Não financia bebedeiras em centros acadêmicos nem frequenta shows da “máfia do dendê.” Contudo, por não aderir às modas progressistas, não se filiar a partidos políticos ou facções, ele se torna para a imprensa o bode expiatório de todos os retrocessos políticos, morais e religiosos do país.

Para a esquerda, o mundo ainda não se tornou um paraíso igualitário, com drogas liberadas e festas libertinas, porque dona Neide continua frequentando a igreja e se opondo ao aborto e à legalização da maconha. Já os liberais acreditam que o problema está no seu Nilson, que confiou nas promessas de Lula e não leu Mises ou Hayek. Na visão deles, se livros desses autores fossem distribuídos nas escolas e a educação financeira fosse obrigatória, o Brasil estaria finalmente livre das amarras do Estado e seria uma potência global.

É importante destacar que a crítica não se dirige necessariamente ao pobre, mas ao cidadão comum. E ele não precisa ser miserável para ser alvo; pode até ter um Celtinha 2016 e algum dinheiro guardado.

- No Brasil criminosos são tratados como meros “suspeitos” pela grande mídia.
- O cidadão comum e sem qualquer adesão a movimentos revolucionários e de reforma radical do Brasil e da natureza humana, é tratado como criminoso e empecilho para a construção dessas utopias.
- O cidadão comum que quer viver sua vida tranquilamente é tido como criminoso, ameaçador e responsável por toda sorte de mazelas morais, espirituais e retrocessos civilizacionais.



O intolerável, no planeta Brasil, é ser um cidadão comum. Basta reclamar do preço da carne, buscar pagar menos impostos ou querer uma vida digna para ser taxado de intolerante, intolerável, fascista. Culpado por todos os problemas do país.

Se você não idolatra artistas de sarau, não chama o "dotô" de "ôtoridade" ou não tem conexões com o mercado financeiro, sinto informar: você é um cidadão comum. Ou melhor, um cidadão criminoso no planeta Brasil.

E, quando digo "planeta Brasil", não é exagero. Parece mesmo que esse planeta segue leis naturais próprias – outra gravidade, outra substância, quem sabe até outros processos químicos. O Brasil vive divorciado da Terra, sob a lei cósmica do absurdo.

